

HISTORIETA

Acordo muito cedo e olho pela janela a rua vazia. Surge lá em baixo uma velhinha, que vem andando lentamente, recurva, a olhar para o chão. É uma velha mais ou menos bem vestida. Detem-se na esquina.

Por um instante penso que está cansada, ou talvez se sinta mal; parece que vai cair. Mas não é isso. Enxergou alguma coisa no chão, alguma coisa em que mexe com o pé. Deve ser dinheiro. Faz um grande esforço para se abaixar e apanhar aquilo. Ergue-se com dificuldade e continua seu caminho, guardando dentro da bolsa o que apanhou.

Quando passa pela minha janela volta-se um instante para me olhar. Naturalmente não tinha me visto antes, e percebeu que eu a vira erguendo alguma coisa do chão. O olhar que me lança é rápido e desconfiado. Procura andar mais depressa, e aperta a bolsa com as duas mãos. Com o nariz adunco e a boca trêmula tem esse ar sovina e mesquinho que certos velhos têm.

Fico imaginando uma história: uma velha pobre, que sempre anda a olhar para o chão e por isso acha uma fortuna, e a esconde avaramente. Sua filha é uma jovem que vive olhando para o céu, e por isso descobre uma estrela nova, de um brilho azul. Cada uma guarda o seu segredo, e as duas passam a ser felizes.

A moça pensa que a estrela surgiu para segui-la do alto e fazê-la feliz. Não sabe como, nem quando; mas olha sua estrela e estremece de felicidade. Sonha com seu brilho azul que vai lhe trazer tudo o que sonha. E guarda seu segredo. Sabe que a estrela dará o que ela pedir, mas não ousa, não quer pedir nada; apenas sorri para si mesma, trêmula de sonhos.

A velhinha vive na pobreza; sempre foi pobre. Se tivesse achado um dinheiro pequeno, já teria comprado alguma coisa de que precisa. Mas nem sequer ousou contar as notas que escondeu dentro de uma bolsa velha, em um canto da casa. Quando está só, fecha as portas e janelas e vai apalpar o couro escuro da bolsa em que escondeu o dinheiro. Ninguém sabe de seu tesouro; ninguém o saberá. Suas mãos também tremem; ela é feliz.

sem endereço ~~22/8/53~~

DN-22.9.49
leitura 12.5.58
Radio 8.7.61

M 484

RN 83

C Povo 24.6.83

FLU, maio 99

Imagino essa historieta em um instante, mas não procuro lhe dar seguimento; não sei fazer historietas. Chega o velho carteiro e me deixa uma carta. Quando vai se retirando eu o chamo: a carta não é para mim. Aqui não mora ninguém com este nome — explico-lhe. Ele guarda o envelope e coça a cabeça um instante, pensativo.

— O senhor pode me dizer uma coisa? Por que é que agora há tanta carta com endereço errado? Antigamente isso acontecia uma vez ou outra. Agora não sei o que houve...

E abana a cabeça, em um gesto de censura para a humanidade que não se encontra mais, que envia mensagens inúteis para endereços trocados.

Volto sem querer a pensar na minha história. A moça podia ter achado o dinheiro; a velha teria visto a estrela azul. Não, assim não serve. O dinheiro poderia ser falso; a moça o roubaria da velha, seria chamada à polícia depois de passá-lo, e se negaria a explicar onde o tinha recebido. Ficaria presa em um xadrez imundo, com mulheres vagabundas que a julgariam uma delas. Um guarda viria fazer-lhe propostas. Ela reagiria, mas o guarda...

Não, não sei fazer historietas. É melhor deixar a velha e a jovem felizes com seu segredo. E meditar um pouco na revolução desse velho carteiro que abana a cabeça. Muitos endereços errados. Um dia as pessoas não poderão se comunicar mais; haverá uma grande confusão e a vida será tão simples que, depois de ficar muito aflitos, todos se sentirão bem.

22/8/53 R. B.

Não, não sei inventar enredos.
Também não faz falta; a
vida já inventa carta.
enredo que o melhor não lhe
fazes com o espírito. 454